

USO DA ESCRITA E AVALIAÇÃO NAS PRODUÇÕES ESCRITAS INFANTIS

SARAIVA, Míriam Duarte¹; SCHMIDT, Patrícia Wendt²; ZAFFARONI, Pablo Elola³; MOTA, Taísi de Souza⁴; WITKE, Cleide Inês⁵

¹UFPEL / Letras. g_aucha@hotmail.com; ²UFPEL / Letras. patricia_w_s@hotmail.com; ³UFPEL / Letras. pzaffaroni@hotmail.com; ⁴UFPEL / Letras. taisi_mota@yahoo.com.br; ⁵UFPEL, Centro de Letras e Comunicação. cleideinesw@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi oportunizado através do programa de bolsas da CAPES pelo projeto PIBID – Programa Institucional de Iniciação à Docência, o qual possibilita o estudo e pesquisa de 24 estudantes do curso de Letras, licenciatura, dentre estes 6 bolsistas criaram esta proposta de trabalho que será explicitado adiante. Foi realizado em 2010 no IEAB – Instituto de Educação Assis Brasil, que além do Ensino Médio possui a modalidade de educação do curso de Magistério. Este trabalho foi realizado em forma de oficina oferecida ao curso de Magistério na Semana da Educação.

A proposta deste trabalho iniciou-se a partir da intenção de realizar juntamente com os estudantes de magistério, futuros alfabetizadores, uma reflexão a cerca do que Geraldí (2006) estabelece entre “fazer redação” e “produzir texto”. De acordo com ele, os textos produzidos na escola são de sujeitos que não dizem a “sua palavra”(2006, p.128), mas são apenas simulações da modalidade escrita, como forma de exercitar o aluno e prepará-lo para futuras utilizações daquilo que está aprendendo. E, portanto, sem levar em consideração aspectos fundamentais como, por exemplo, o sujeito que escreve, o contexto em que ele está inserido, etc.

O objetivo da oficina foi repensar a forma de avaliação das escritas infantis, considerando a necessidade de cada aluno para que possam aprimorar seus conhecimentos e não apagá-los, como acontece em muitos casos. É mostrar estratégias para o aprimoramento da produção textual.

Através dessas discussões, procuramos dar subsídios aos futuros professores para que utilizem a reescrita como ferramenta para o enriquecimento da expressão escrita, inclusive mostrando a importância da avaliação individual, evitando a comparação entre as produções dos alunos.

Portanto, sob a ótica de uma abordagem sincrônica e tendo como base a concepção de língua como interação (dialógica), podemos dizer que uma língua natural só pode ser apreendida através de produções verbais efetivas. Estas situações de comunicação podem ser articuladas de diversas maneiras. Segundo Bronckard (2009), são essas realizações empíricas que chamamos de texto.

A visão dada por Antunes (2003) é que em uma atividade interativa - sempre conjunta - se interdependem dois ou mais indivíduos envolvidos nesta ação. Ou seja, o que um indivíduo faz, depende do outro, portanto, a iniciativa de um é regulada pelas condições do outro. Em virtude disso, afirmamos que a escrita é tão interativa quanto à fala.

Para Koch (2010), o texto se afirma como texto no momento em que os “parceiros” de uma atividade comunicativa global são capazes de constituir determinado sentido, frente a uma manifestação linguística, e pela ação conjunta de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional. Portanto, é através desta coerência estabelecida que identificamos um texto como tal.

Não é novidade que não se aprende uma língua através de exercícios, mas sim por meio de práticas significativas. A aquisição de uma língua acontece perante práticas efetivas, significativas e contextualizadas. Por isso, credita-se que o texto é uma das melhores maneiras de atingir esses requisitos.

No entanto, para falar de texto é preciso falar de leitura, pois é ela que dá a base para a construção de um bom texto, seja ele oral ou escrito.

A prática de leitura é um processo de interlocução entre leitor/ autor mediado pelo texto. Segundo Jouve (2002) ler é uma operação de percepção, de identificação e de memorização de signos. A leitura mais precisamente é uma atividade complexa, que se desenvolve em diversas direções. Sob esta perspectiva, a leitura é um processo com cinco dimensões: neurofisiológica, cognitiva, afetiva, argumentativa e simbólica. A leitura é a busca de informações, é o estudo do texto, é a leitura do texto como pretexto (para dramatizações, ilustrações, produção de outro texto, etc) (GERALDI, 2006).

Para Antunes (2003) a atividade de leitura completa a atividade da produção textual, e por isso é uma atividade de interação. É a partir dessas leituras que formamos boa parte da nossa bagagem dos chamados conhecimentos prévios, são eles que dão a sustentação, no mínimo, ao âmbito linguístico para uma produção textual. A produção de texto requer este conhecimento prévio, armazenamento de ideias e estruturas linguísticas, então, a leitura é fundamental para o progresso da construção de um texto.

Portanto, podemos afirmar que a leitura está intimamente ligada à produção de texto, pois é uma atividade de acesso ao conhecimento, a estética, e ainda, uma atividade de acesso às especificidades da língua escrita (apreendendo vocabulário, conhecendo tipos e gêneros de texto, etc).

Por isso, é importante que o professor fomente essas leituras intra e extraescolar, pois devem servir de subsídios aos alunos para a produção textual.

Em se tratando de produção textual é possível perceber que é um dos meios mais eficazes que se tem de ensinar uma língua, deve ser o principal instrumento do professor de língua materna. É a partir dessas produções que podemos trabalhar as quatro competências, ler, ouvir, falar e escrever. Podemos a partir dela, criar diversas atividades que subjazem a essas ideias.

Tendo em vista todas essas ações, Geraldi (2006) afirma que, para oportunizar aos alunos um domínio maior da variedade padrão não é necessário a anulação do sujeito e de suas idéias, mas devemos agir de forma contrária, oportunizando no espaço fechado da escola, uma reabertura para que nele ele possa dizer a sua palavra, se colocar como sujeito de suas ações e não pela “degradação” de sua linguagem. A fim de que surja a linguagem da escola e o respeito a essa linguagem, e a seu falante. Levando sempre em consideração o seu mundo, e mostrando sua importância, de forma a perceber as diferenças sociais que se revelam.

De acordo com Bertoni-Ricardo(2004), não existe “erro” linguístico, e sim formas diferentes de uso dos recursos disponíveis na língua, ou seja, essa definição é estritamente sociocultural, pois são preconceitos que alguns cidadãos pertencentes à camadas privilegiadas lançam sobre todas as classes sociais menos favorecidas.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A oficina foi realizada em um único encontro (4h) na cidade de Pelotas/RS, na Semana da Educação de 2010 do I.E. Assis Brasil. Teve início através de um pequeno debate sobre como são elaboradas as aulas de português para as séries iniciais e quais os principais objetivos de ensinar a língua escrita.

Em seguida foi entregue um formulário (anexo I) com dois modelos de produções escritas infantis (textos), as quais deveriam ser avaliadas pelos participantes como “Bom” ou “Ruim” e também justificada essa avaliação.

Posteriormente, realizamos a leitura dos dois textos que foram trabalhados e levantou-se uma discussão sobre o tema central da oficina e sobre as avaliações feitas pelos participantes, seus posicionamentos e suas justificativas para chegarem a tais conclusões. Nesse momento foram explicados os aspectos importantes sobre a produção textual abordados por Geraldi, como “redação” X “produção textual”, “o jogo da escola” e “a anulação do sujeito”. Também foram sugeridas algumas estratégias para melhorar as escritas dos dois tipos de alunos, como por exemplo a re-escritura, a visita à biblioteca com os alunos, o incentivo a leitura de histórias em aula, a produção de textos relacionados com desenhos feitos também pelos alunos, tudo isso para que o aluno considere a aprendizagem da escrita interessante e atrativa e não obrigatória e entediante como acontece em grande parte.

Ao fim da oficina, os participantes preencheram uma ficha de avaliação do encontro através da qual podemos perceber a relevância de tal assunto nesse evento e quão significativa foi essa discussão, trazendo para os futuros professores uma nova maneira de ensinar e avaliar à escritura de seus alunos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em virtude da quantidade de inscritos para a oficina ter sido pequena, conseguimos administrar melhor o tempo e o espaço, bem como guiar melhor as discussões onde todos participaram ativamente.

Houve uma quebra de expectativa da nossa parte em relação à avaliação dos alunos participantes quanto aos textos apresentados, pois imaginávamos que haveriam três tipos de avaliação: “Ruim” para ambos os textos, “Bom” para o primeiro e “Ruim” para o segundo e “Ruim” para o primeiro e “Bom” para o segundo. No entanto, nenhum participante avaliou os dois textos “Ruins”. Ao contrário ao que esperávamos, vários consideraram os dois textos como sendo “Bons” o que mostra que eles refletiram sobre as escritas ao invés de apenas avaliá-las.

4 CONCLUSÃO

Apesar da quebra de expectativas quanto à avaliação dos estudantes em relação aos textos propostos, como citado no item anterior, o objetivo foi alcançado à medida que a reflexão acerca de como avaliar tal produção trouxe uma nova perspectiva a estes futuros profissionais da educação. Estes estudantes ganharam uma nova visão associada a estas práticas, de forma que foi possível trazer entendimento a estes futuros educadores, para a pergunta chave “como ensinar a língua através de produções escritas, e como avaliá-las?”.

Após as discussões levantadas, chegamos ao principal consenso de que não é possível anular o sujeito, pois é desenvolvendo o direito à palavra, que ele se

constitui como cidadão autônomo. E somente desta forma, adotando critérios diferentes para avaliar, será possível formar o aluno e prepará-lo para as práticas do uso de linguagem.

5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola, 2003.

BERTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRONCKARD, Jean Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sociodiscursivo.** São Paulo: EDUC, 2ª edição, 2009.

GERALDI, J.W. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006.

JOUBE, Vicent. **A leitura.** Assis: UNESP, 2002.

KOCH, Vilhaça Ingedore. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 9ª edição, 2010.

_____. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 6ª edição, 2009.

_____. **A coesão textual.** São Paulo: Contexto, 21ª edição, 2009.

Anexo I

USO DA ESCRITA E AVALIAÇÃO NAS PRODUÇÕES ESCRITAS INFANTIS

Nome:

A casa é bonita.
A casa é do menino.
A casa é do pai.
A casa tem uma sala.
A casa é amarela.

Era uma vez um pino que queria
acabelo daí um menino pino
dapasou um menino lipo enei
pino aí passou um menino
pino daí o menino pegou pino
da amunher pegou pino da
todomundo saio gritão todomundo
pegou pino di até sofinho
begou pino.

<p>() RUIM () BOM Justifique</p>	<p>() RUIM () BOM Justifique</p>
--	--

GERALDI, J. W. Escrita, uso da escrita e avaliação In: _____ (Org.) [et al] *O texto na sala de aula.* – 4ª Ed. – São Paulo: Ática, 2006.